

poemas

TÍTULO: Poemas

AUTOR: António Jacinto

Capa: Luandino Vieira

1.^a Edição: Casa dos Estudantes do Império.

Colecção de Autores Ultramarinos. Lisboa 1961

Composição e impressão: Editorial Minerva. Lisboa

2.^a Edição: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA)

A presente edição reproduz integralmente o texto da 1.^a edição.

Artes Finais da Capa: Judite Cília

Composição e Paginação: Fotocompográfica. Almada.

Impressão: Printer Portuguesa. Mem Martins.

Esta edição destina-se a ser distribuída gratuitamente pelo Jornal SOL, não podendo ser vendida separadamente.

Tiragem: 45 000

Lisboa 2015

Depósito Legal: 378 492/14

Apoios Institucionais:



COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

ANTÓNIO JACINTO

*Colectânea
de
poemas*

*LISBOA
MCMLXI*

COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

Dirigida por

CARLOS EDUARDO
COSTA ANDRADE

- N.º 1 — *Amor* (Poemas, 1960) de M. António
- N.º 2 — *A Cidade e a Infância* (Contos, 1960) de Luandino Vieira
- N.º 3 — *Fuga* (Poemas, 1960) de Arnaldo Santos
- N.º 4 — *Poemas* de Viriato da Cruz (1961)
- N.º 5 — *Poemas de Circunstância* de António Cardoso
- N.º 6 — *Terra de Acácias Rubras* de Costa Andrade
- N.º 7 — *Kissange*, de Manuel Lima
- N.º 8 — *Poemas* de Agostinho Neto (1961)
- N.º 9 — *Poemas* de António Jacinto (1961)

O AUTOR

ANTÓNIO JACINTO do Amaral Martins nasceu em Luanda a 28 de Setembro de 1924.

Foi um dos mais destacados elementos do *Movimento dos Novos Intelectuais de Angola* surgido em Luanda por volta de 1950, a que corresponde a revista literária MENSAGEM, antigo órgão da Associação dos Naturais de Angola.

Da importância e da posição do Poeta na literatura angolana nos diz Mário António, também poeta de primeira grandeza e primeiro ensaísta literário angolano: “Pois António Jacinto é o segundo nome da poesia angolana. Alguns dos seus poemas têm tanta popularidade como os melhores de Viriato da Cruz. Ambos vêm sendo incluídos em antologias e referidos por críticos num pé de quase igualdade. Não tem, contudo, a poesia de António Jacinto o aspecto de floração cultural da de Viriato (ainda que de uma cultura não realizada na extensão espaço-temporal). Resulta ela, antes, do choque de uma sensibilidade com um mundo a cujos conflitos se não pode subtrair. E esse mundo é tanto o da cidade de que nos deu o forte «mural» do

«*Poema da Alienação*», como o do campo, de que cantou o trabalhador desconhecido num dos mais fortes poemas reivindicativos da língua portuguesa: «*Monangamba*»”.

A sua obra poética encontra-se dispersa por jornais e revistas. Ainda como todos os poetas da sua geração, excepção feita a Mário António, a sua voz emudeceu por volta de 1953, pouco depois da suspensão da MENSAGEM. Sòmente em 1961 o seu canto se volta a fazer ouvir com a sua *Trilogia* «Retorno à Poesia». A presente colectânea reúne pela primeira vez os seus poemas mais representativos.

Figura no «*Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa*» de Francisco José Tenreiro e Mário de Andrade (Lisboa), na «*Antologia de Poesia Negra de Expressão Portuguesa*» de Mário de Andrade (Paris), em «*Poetas Angolanos*» de C. Eduardo (Ed. da Casa dos Estudantes do Império) e em «*Contistas Angolanos*» (Ed. da C. E. I.).

descobrimento

— à Rua da Pedreira

Rua da Amargura, caminho antigo, velho caminho de todos os dias.

Caminho de custosas horas passadas sem esperança.

Rua da Amargura, a minha rua de todos os dias, distante me apareces agora sem saudade numa imagem esvaiecida de caminho antigo.

Rua de horas sem cor, de ser sem esperança, rumo tortuoso, de vômitos suicidas, caminho amargo, rua salgada da Amargura do andar solitário, sem sonho, sem ilusão, sem sabor. Náusea!

Ó Rua da Amargura, dos minutos monótonos arrastando-se lentamente, tortuosos nas horas sem cor!

Solidão da Rua da Amargura, das canções doentes, minha rua antiga, caminho de todos os dias, já nem és uma lembrança...

Canta meu coração, canta meu coração, canta alegremente ao vento e aos espaços, canta bem dentro de mim, feliz e contente, meu coração.

*Não mais caminharei o caminho de todos os dias —
Rua da Amargura.*

Canta meu coração as canções que vibram no meu sangue e queimam os meus lábios roxos. Canta bem dentro de mim, canta de orgulho: Rua da Amargura, caminho antigo, não mais te caminharei, não mais temerei os teus medos e monstros, não mais terás horas sem cor:

Canta meu coração, canta o orgulho nobre de ter deixado a Rua da Amargura. Canta alegremente às aves e aos ventos a felicidade de ter achado um outro caminho, de ter descoberto uma outra verdade, a grande verdade que me faz feliz e orgulhoso e grande. Tão grande, tão grande, que, como és pequena, perdida no tempo, velha Rua da Amargura!

Ah! Rua da Amargura, não mais serás caminho de todos os dias.

Canta meu coração, canta bem dentro de mim e grita esta incomensurável certeza, a maior da minha felicidade, da felicidade humana de quanto me rodeia, a certeza do meu novo rumo imenso, canta bem dentro de mim, canta meu coração, canta enormemente esta realidade santa e bendita, feliz, canta esta descoberta, esta maior descoberta, canta a vibrar infinitamente de contentamento, canta, canta loucamente por chanas e musseques, ventos e seres, canta bem dentro de mim, canta meu coração:

Sou POETA!

autobiografia

O teu sorriso
espelhado em meus olhos, Mãe;
Um pouco de Poesia
a ilimitar todo o presente;
E a Vida sorrindo também
ao futuro humano que se presente.

u m a q u a d r a

Que dos céus as estrelas desçam esculpidas em mármore
E se abatam em mim na dureza pétrea e existente;
E do chão abafado e maldito onde não desponta árvore
Crescerá num volume duro meu canto humano e quente.

profecia

Já não há o luar porque a noite morreu.

Chorai vós, poetas — que eu canto o Sol no apogeu!

canção do entardecer
(cantiga de roda)

Ó pássaro traz-me o meu filho
que o sol vai desaparecendo
muáléba kuléba
pássaro que vais esvoaçando
com o sol que vai desaparecendo
longe, tão longe
Kumbi diá kinjila!

Desce dos ares, desce à terra
ave grande
traz-me o meu filho
são horas, o sol vai desaparecendo
muáléba kuléba.
Já trabalhei ó pássaro
já cansei
varri a casa
acendi o lume

cozinhei
já zuquei no meu pilão
traz-me já o meu filho ó pássaro
que o sol vai desaparecendo
Kumbi diá kinjila

Ó pássaro
o sol vai morrendo
muáléba kuléba
e hoje ganhei o meu dia
já cansei
já capinei, lavrei
já fui acarretar água
tenho a casa limpa
recolhi a criação
cumpri os meus deveres
o sol vai morrendo
são horas de ir descansar
traz-me o meu filho ó pássaro
ó kinjila di békéle mona!

Anda, dá-me já o meu filho
são horas
Kumbi diá kinjila
longe tão longe...

.....
— minha negra, que pedes o filho ao pássaro
olha o teu homem

que vem cansado da tonga
dá-me um seio
tens dois — deixa ao teu filho o outro
que o sol já vai morrendo
muáléba kuléba
longe, tão longe

Kumbi diá kinjila!

castigo pró comboio malandro

Esse comboio malandro
passa
passa sempre com a força dele
 ué ué ué
 hii hii hii
te-quem-tem te-quem-tem te-quem-tem

O comboio malandro
passa

Nas janelas muita gente:
 ai bô viaje
 adeujo homée
n'ganas bonitas
quitadeiras de lenço encarnado
levam cana no Luanda pra vender
hii hii hii

aquele vagon de grades tem bois
múu múu múu

tem outro
igual como este dos bois
leva gente,
 muita gente como eu
cheio de poeira
gente triste como os bois
gente que vai no contrato

Tem bois que morre no viaje
mas o preto não morre
canta como é criança:
 «Mulonde iá Késsua uádibalé
 uádibalé uádibalé...»

Esse comboio malandro
sòzinho na estrada de ferro
passa
 passa
sem respeito
 ué ué ué
com muito fumo na trás
 hii hii hii
te-quem-tem te-quem-tem te-quem-tem

Comboio malandro
o fogo que sai no corpo dele

vai no capim e queima
vai nas casas dos pretos e queima
 Esse comboio malandro
 Já queimou o meu milho.

Se na lavra do milho tem pacaças
eu faço armadilhas no chão,
se na lavra tem kiombos
eu tiro a espingarda de kimbundo
e mato neles
mas se vai lá fogo do comboio malandro
— deixa! —
 ué ué ué
te-quem-tem te-quem-tem te-quem-tem
só fica fumo,
 muito fumo mesmo.

 Mas espera só
Quando esse comboio malandro descarrilar
e os brancos chamar os pretos pra empurrar
eu vou
mas não empurro
 — nem com chicote —
finjo só que faço força
 aka!

 Comboio malandro
 você vai ver só o castigo
 vai dormir mesmo no meio do caminho.

c a r t a d u m c o n t r a t a d o

Eu queria escrever-te uma carta
amor,
uma carta que dissesse
deste anseio
de te ver
deste receio
de te perder
deste mais que bem querer que sinto
deste mal indefinido que me persegue
desta saudade a que vivo todo entregue...

Eu queria escrever-te uma carta
amor,
uma carta de confidências íntimas,
uma carta de lembranças de ti,
de ti
dos teus lábios vermelhos como tacula
dos teus cabelos negros como dilôa

dos teus olhos doces como macongue
dos teus seios duros como maboque
do teu andar de onça
e dos teus carinhos
que maiores não encontrei por aí...

Eu queria escrever-te uma carta
amor,
que recordasse nossos dias na capôpa
nossas noites perdidos no capim
que recordasse a sombra que nos caía dos jambos
o luar que se coava das palmeiras sem fim
que recordasse a loucura
da nossa paixão
e a amargura
da nossa separação...

Eu queria escrever-te uma carta
amor,
que a não lesses sem suspirar
que a escondesses de papai Bombo
que a sonegasses a mamãe Kieza
que a relesses sem a frieza
do esquecimento
uma carta que em todo o Kilombo
outra a ela não tivesse merecimento...

Eu queria escrever-te uma carta
amor,

uma carta que te levasse o vento que passa
uma carta que os cajús e cafeeiros
que as hienas e palancas
que os jacarés e bagres
pudessem entender
para que se o vento a perdesse no caminho
os bichos e plantas
compadecidos de nosso pungente sofrer
de canto em canto
de lamento em lamento
de farfalhar em farfalhar
te levassem puras e quentes
as palavras ardentes
as palavras magoadas da minha carta
que eu queria escrever-te amor...

Eu queria escrever-te uma carta...

Mas ah meu amor, eu não sei compreender
por que é, por que é, por que é, meu bem
que tu não sabes ler
e eu — Oh! Desespero! — não sei escrever também!

m o n a n g a m b a

Naquela roça grande não tem chuva
é o suor do meu rosto que rega as plantações,

Naquela roça grande tem café maduro
e aquele vermelho-cereja
são gotas do meu sangue feitas seiva.

O café vai ser torrado,
pisado, torturado,
vai ficar negro, negro da cor do contratado.

Negro da cor do contratado!

Perguntem às aves que cantam,
aos regatos de alegre serpentear
e ao vento forte do sertão:

Quem se levanta cedo? quem vai à tonga?
Quem traz pela estrada longa

a tipóia ou o cacho de dendém?
Quem capina e em paga recebe desdém
 fuba podre, peixe podre,
 panos ruins, cinquenta argolares
 «porrada se refilares»?

Quem?

Quem faz o milho crescer
e os laranjais florescer
— Quem?

Quem dá dinheiro para o patrão comprar
máquinas, carros, senhoras
 e cabeças de pretos para os motores?

Quem faz o branco prosperar,
ter barriga grande — ter dinheiro?
— Quem?

E as aves que cantam,
os regatos de alegre serpentear
e o vento forte do sertão
responderão:

— «Monangambééé...»

Ah! Deixem-me ao menos subir às palmeiras
Deixem-me beber maruvo, maruvo
e esquecer diluído nas minhas bebedeiras

— « Monangambééé...»

era uma vez...

Vôvô Bartolomé, ao sol que se coava da mulembeira
por sobre a entrada da casa de chapa,
enlanguescido em carcomida cadeira
vivia

— relembrando-a —
a história da Teresa mulata

Teresa Mulata!

essa mulata Teresa
tirada lá do sobrado
por um preto d'Ambaca
bem vestido,
bem falante,
escrevendo que nem nos livros!

Teresa Mulata

— alumbramento de muito moço —
pegada por um pobre d'Ambaca
fez passar muitas conversas
andou na boca de donos e donas...

Quê da mulata Teresa?

A história da Teresa mulata...

Hum...

Vôvô Bartolomé enlanguescido em carcomida cadeira
[adormeceu
o sol se coando da mulembeira veio brincar com as moscas
[nos lábios ressequidos que sorriem

Chiu! Vôvô tá dormindo!

...O moço d'Ambaca sonhando...

naufrágio

Minina piquena
que fugiu à escola
fez fuga pra brincar

Fez bonecas fez vestidos brincou
no chão à sombra do cajueiro

Apanhou cem reis
comprou jinguba
(já sabe tabuada
«um e um dois dois e um três»)

subiu aos paus,
correu cantou dançou
foi atrás dos soldados a marchar

Foi à praça roubou cola
foi à praia tomou banho
pediu um doce ao doceiro

e na venda da Baixa olhando uma boneca
[grande
sonhou com muito dinheiro

Viu a patroa de mamãe lavadeira
andar a escolher coisas
e ora triste ora prazenteira
correu saltou brincou livre como os passarinhos
olhando tudo tão diferente do Musseque
sem cães vadios sem casas de chapa
nem porcaria nos caminhos

Minina piquena
que fugiu à escola
fez fuga pra brincar

Brincou brincou brincou
sem ódio nem raiva
cheia de enganos
agarrada à boneca suja de trapos
... tem onze anos
só sabe rir cantar saltar
brincar brincar brincar

Minina piquena
que fugiu à escola
... um dia

há-de amadurar tristemente cedo
à luz radiosa do sol quente...
... às mãos impuras da rua.

pântano

(Uma história do Musseque)

Minina feiosa
estava cheia de desejos
e não fazia nada
 ficava na janela desgostosa
 a pensar ai a imaginar beijos
 e carícias no seu corpo de abandonada

Minina feiosa
cheia de desejos
não fazia nada
 Nos olhos feios piquininos
 havia sempre uma luz quente
 e olhando os mininos da rua
 ficava com ânsia ardente
 de ser mãe deles — e olhava-se no espelho nua

Era desejo só desejo
a tortura a rasgar o seu corpo
porque não lhe davam beijo
em todo corpo feio mas não morto

Se o corpo mais que a alma sentia
e se todo ele existia
porquê porquê ai porquê
a insatisfação que se sente e não se vê?

Porquê?

Interrogações e ânsias
sem beijos nem carícias
e o corpo a pedir
a adivinhar
sem saber o que pedir
sem saber porquê chorar

Solidão

e os desejos e os desejos a crescer
e a minina feiosa sem nada fazer

Essa minina feiosa
que estava cheia de desejo
agora virou quitata
Não mais fica na janela a olhar os mininos da rua
nem sonha ao espelho nua
as noites de estrelas a lua
nada dizem — nem mesmo vontade de chorar

Na sua casa entra gente e mais gente
seu corpo é pegado por mãos e mais mãos
seus olhos já não têm brilho ardente
e os beijos
já não são desejos

O caminho é livre — não tem roteiro,
caminha quem quer e traz dinheiro
— No Musseque tem uma mulata
é coisa barata

A solidão, a solidão continua

Minina feiosa
— que não sabe o nome dos caminhos da esperança —
hoje faz tudo tudo tudo
inda tem a alma cheia de desejos
a pensar ai a imaginar outros beijos...

v a d i a g e m

Naquela hora já noite
quando o vento nos traz mistérios a desvendar
musseque em fora fui passear às loucuras
com os rapazes das ilhas:

Uma viola a tocar
o Chico a cantar
(Que bem que canta o Chico!)
e a noite quebrada na luz das nossas vozes

Vieram também, vieram também
cheirando a flor do mato
— cheiro grávido de terra fértil —
as moças das ilhas
 sangue moço aquecendo
a Bebiana, a Teresa, a Carminda, a Maria.

Uma viola a tocar
o Chico a cantar
a vida aquecida com o sol esquecido
a noite é caminho
caminho, caminho, tudo caminho serenamente negro
sangue fervendo
cheiro bom a flor do mato
a Maria a dançar
(que bem que dança remexendo as ancas!)
E eu a querer, a querer a Maria
e ela sem se dar

Vozes dolentes no ar
a esconder os punhos cerrados
alegria nas cordas da viola
alegria nas cordas da garganta
e os anseios libertados
das cordas de nos amordaçar

Lua morna a cantar com a gente
as estrelas se namorando sem romantismo
na praia da Boavista
o mar ronronante a nos incitar
Todos cantando certezas
a Maria a bailar se aproximando
sangue a pulsar
mocidade correndo
a vida

peito com peito
beijos e beijos
as vozes cada vez mais bêbadas de liberdade

A Maria se chegando
A Maria se entregando

Uma viola a tocar
e a noite quebrada na luz do nosso amor...

poema da alienação

Não é este ainda o meu poema
o poema da minha alma e do meu sangue
não
Eu ainda não sei nem posso escrever o meu
[poema
o grande poema que sinto já circular em mim

O meu poema anda por aí vadio
no mato ou na cidade
na voz do vento
no marulhar do mar
no Gesto e no Ser

O meu poema anda por aí fora
envolto em panos garridos
vendendo-se

vendendo

«ma limonje ma limonjééé»

O meu poema corre nas ruas
com um quibalo pôdre à cabeça
oferecendo-se
oferecendo

*«carapau sardinha matona
ji ferrera ji ferrerééé...»*

O meu poema calcorreia ruas
«olha a probíncia» «diááario»
e nenhum jornal traz ainda
o meu poema

O meu poema entra nos cafês
«amanhã anda a roda amanhã anda a roda»
e a roda do meu poema
gira que gira
volta que volta
nunca muda

*«amanhã anda a roda
amanhã anda a roda»*

O meu poema vem do Musseque
ao sábado traz a roupa
à segunda leva a roupa
ao sábado entrega a roupa e entrega-se
à segunda entrega-se e leva a roupa

O meu poema está na aflição
da filha da lavadeira
esquiva
no quarto fechada
do patrão nuinho a passear
a fazer apetite a querer violar

O meu poema é quitata
no Musseque à porta caída duma cubata
*«remexe remexe
paga dinheiro
vem dormir comigo»*

O meu poema joga a bola despreocupado
no grupo onde todo o mundo é criado
e grita
«obeçaite golo golo»

O meu poema é contratado
anda nos cafezais a trabalhar
o contrato é um fardo
que custa a carregar
«monangambééé»

O meu poema anda descalço na rua

O meu poema carrega sacos no porto
enche porões
esvazia porões
e arranja força cantando
*«tué tué tué trr
arrimbuim puim puim»*

O meu poema vai nas cordas
encontrou cipaio
tinha imposto, o patrão
esqueceu assinar o cartão
vai na estrada
cabelo cortado
*«cabeça rapada
galinha assada
ó Zé»*

picareta que pesa
chicote que canta

O meu poema anda na praça trabalha na cozinha
vai à oficina
enche a taberna e a cadeia
é pobre roto e sujo
vive na noite da ignorância
O meu poema nada sabe de si
nem sabe pedir
O meu poema foi feito para se dar
para se entregar
sem nada exigir

Mas o meu poema não é fatalista
o meu poema é um poema que já quer
e já sabe
o meu poema sou eu-branco
montado em mim-preto
a cavalgar pela vida.

o grande desafio

Naquele tempo

a gente punha despreocupadamente os livros no chão
ali mesmo naquele largo areal batido de caminhos

[passados

os mesmos trilhos de escravidões

onde hoje passa a avenida luminosamente grande

e com uma bola de meia

bem forrada de rede

bem dura de borracha roubada às borracheiras do Neves

em alegre folguedo, entremeando caçambulas

... a gente fazia um desafio...

O Antoninho

filho desse senhor Moreira da taberna

era o capitão

e nos chamava de ó pá,

Agora virou doutor
(cajinjeiro como nos tempos antigos)
passa, passa que nem cumprimenta
— doutor não conhece preto da escola.

O Zeca era guarda-redes
 (pópilas, era cada mergulho!
 Aí rapage — gritava em delírio a garotada)
Hoje joga num clube da Baixa
Já foi a Moçambique e no Congo
Dizem que ele vai ir em Lisboa
 Já não vem no Musseque
Esqueceu mesmo a tia Chiminha que lhe criou de pequenino
nunca mais voltou nos bailes de Don'Ana, nunca mais
 Vai no Sportingue, no Restauração
 outras vezes no Choupal
 que tem quitatas brancas

Mas eu lembro o Zeca pequenino
 o nosso saudoso guarda-redes!
Tinha também
tinha também o Vêlhinho, o Mascote, o Kamauindo...
 — Coitado do Kamauindo...
Anda lá na Casa da Reclusão
 (desesperado deu com duas chapadas na cara
 do senhor chefe
 naquele dia em que lhe prendeu e disparatou a mãe)

— O Vêlhinho vive com a Ingrata
drama de todos os dias
A Ingrata vai nos brancos receber dinheiro
e traz pró Vêlhinho beber;
E o Mascote? Que é feito do Mascote?
— Ouvi dizer que foi lá em S. Tomé como contratado

É verdade, e o Zé?
Que é feito, que é feito?
Aquele rapaz tinha cada finta!
Hum... deixa só!
Quando ele pegava com a bola ninguém lhe agarrava
vertiginosamente até na baliza.

E o Venâncio? O meio-homem pequenino
que roubava mangas e os lápis nas carteiras?
Fraquito da fome constante
quando apanhava um pinhão chorava logo!
Agora parece que anda lixado
lixado com doença no peito.

Nunca mais! Nunca mais!
Tempo da minha descuidada meninice, nunca mais!...

Era bom aquele tempo
era boa a vida a fugir da escola a trepar aos cajueiros
a roubar os doceiros e as quitandeiras

às caçambulas:

Atresa! Ninguém! Ninguém!

tinha sabor emocionante de aventura
as fugas aos polícias
às velhas dos quintais que pulávamos

Vamos fazer escolha, vamos fazer escolha
...e a gente fazia um desafio...

Oh, como eu gostava!

Eu gostava qualquer dia
de voltar a fazer medição com o Zeca
o guarda-redes da Baixa que não conhece mais a gente
escolhia o Vélhinho, o Mascote, o Kamauindo, o Zé
o Venâncio, e o António até
e íamos fazer um desafio como antigamente!

Ah, como eu gostava...

Mas talvez um dia
quando as buganvílias alegremente florirem
quando as bimbis entoarem hinos de madrugada nos
[capinzais
quando a sombra das mulembeiras for mais boa
quando todos os que isoladamente padecemos
nos encontrarmos iguais como antigamente

talvez a gente ponha
as dores, as humilhações, os medos
desesperadamente no chão
no largo areal batido de caminhos passados
os mesmos trilhos de escravidões
onde passa a avenida que ao sol ardente alcatroámos
e unidos nas ânsias, nas aventuras, nas esperanças
vamos então fazer um grande desafio...



ÍNDICE

Descobrimento	(1951)	7
Autobiografia	(1952)	9
Uma Quadra	(1952)	10
Profecia	(1951)	11
Canção Do Entardecer	(1951)	12
Castigo Pró Combóio Malandro	(1950)	15
Carta Dum Contratado	(1950)	18
Monangamba	(1950)	21
Era Uma Vez	(1953)	24
Naufrágio	(1950)	26
Pântano	(1950)	28
Vadiagem	(1952)	31
Poema Da Alienação	(1951)	34
O Grande Desafio	(1953)	39

Estes poemas foram já divulgados nas seguintes publicações: *Jornal de Angola*, *Mensagem*, *Jornal de Benguela*, *Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa* (de Francisco José Tenreiro e Mário de Andrade — Lisboa), *Antologia de Poesia Negra de Expressão Portuguesa* (de Mário de Andrade — Paris) e *Poetas Angolanos* (de C. Eduardo, Ed. da Casa dos Estudantes do Império).



